

**TEIXEIRA DE PASCOAES NAS  
PALAVRAS DO SURREALISMO  
EM PORTUGUÊS \* PASCOAES,  
CESARINY, CRUZEIRO SEIXAS, OS  
SURREALISTAS DO ANTI-GRUPO, O  
CAFÉ GELO, & OUTROS SAUDOSISTAS  
OU SURREALISTAS DO SURREAL  
(OU NÃO) \* SUBSÍDIO OU PLEITO  
REMEMORATIVO & (TALVEZ)  
HISTORIOGRÁFICO PARA UMA  
CONCLUSÃO GERAL DO POÉTICO NO  
SÉCULO XX PORTUGUÊS.  
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO  
Lisboa, Licorne, 2010  
92 páginas, ISBN 978-972-8661-63-2**

TEIXEIRA DE PASCOAES, AFINAL, ERA SURREALISTA

A construção de genealogias exemplares sempre se afigurou uma questão fulcral para a legitimação de qualquer movimento modernista ou de vanguarda, por paradoxal que isso possa parecer. Com efeito, a procura de figuras tutelares, surgidas num tempo primordial, participou sempre do esforço de transformação dos horizontes de recepção das obras recém-criadas, ao mesmo tempo que garantia autoridade aos mais novos intervenientes no campo literário, que se deixariam envolver por uma espécie reciclada daquilo que Harold Bloom apelidou «angústia da influência». Assim, a revolução estética que se pretendia encetar surgiria na senda de uma linha de progresso que outros, previamente, teriam iniciado e tornar-se-ia, supostamente, mais fácil de aceitar e compreender.

Relativamente a esta questão da continuidade de uma ação que suplanta o passado, no caso do surrealismo francês, como se sabe, a posição de André Breton pautou-se (tal como em muitos outros aspetos) pela inconstância e pela (in)consequente contradição. Entre a listagem de figuras dignas de culto apresentadas no primeiro manifesto do surrealismo (1924) até à recusa de heranças e filiações do segundo (1930), a única nota constante (apesar da condenação sumária em 1930) foi a apologia da inventividade, radicalismo, heterodoxia e capacidade iluminadora de Jean-Arthur Rimbaud, para sempre envolvido e dilacerado numa luta canónica pela adequação dos modelos de leitura às características vanguardistas da sua obra, reflexo de uma ética vivencial que se transfiguraria em filosofia estética a seguir por todos os surrealistas. Nesse esforço de consagração de um muito particular Rimbaud, Breton expurgou a sua obra de toda a conotação religiosa e cristã, optando por valorizar, em termos exegéticos, todos os aspetos que surgissem em consonância com os princípios do movimento por si liderado. Deste modo, iniciou uma longa querela com todos os críticos (como Maurice Nadeau, por exemplo) que, optando por pressupostos interpretativos distintos, reconstruíram uma diferente figura do autor (mais apostólica, reconciliada com a figura de Deus, a quem supostamente se subordinaria no leito de morte).

Em Portugal, semelhante tipo de querela parece querer afirmar-se a pro-

pósito da figura de Teixeira de Pascoaes, participando António Cândido Franco deste esforço (re)legitimador da importância do poeta do Marão, em sede teórica e crítica, através da construção historiográfica de uma tradição surrealista prévia à da sua manifestação organizada, nos anos 40 do século XX. Natália Correia já tinha brindado os leitores com a obra *O surrealismo na poesia portuguesa* (1973), em que pretendeu demonstrar a intemporalidade do surrealismo em solo luso (ou, pelo menos, patentear a exequibilidade da adaptação de modelos de leitura (latamente) surrealistas a obras da totalidade da história literária portuguesa). Os próprios surrealistas – com Mário Cesariny à cabeça, na medida em que é aquele que desenvolveu uma ação crítica mais regular, constante e informada ao longo dos anos – já tinham proposto uma galeria de figuras incontornáveis no cânone literário português que, pela sua exemplaridade, reclamariam o estatuto de pais fundadores da revolução que se avizinharia e que, na maioria dos casos, teriam surgido em finais do século XIX, provando a filiação do movimento português numa linha renovadora iniciada com o Romantismo (tal como sucederia, aliás, em França). Fernando J. B. Martinho (1988), por sua vez, teria apontado a importância de Fernando Pessoa como precursor do modernismo e das vanguardas a que o surrealismo se encarregaria de dar continuidade. Contudo, aparentemente, no meio de toda esta atividade arqueológica de procura

das raízes ancestrais, nunca ninguém deu a devida importância a Teixeira de Pascoaes, razão pela qual António Cândido Franco se propõe dar à luz a obra em análise.

Este propósito é explicitamente assumido quando se refere que «tal faceta não mereceu porém dos estudiosos qualquer atenção digna de registo» (p. 11). Segundo o autor, esta ação justiceira justificar-se-á pelo facto de Teixeira de Pascoaes ter sido «lido e treslido como um poeta que decorre da poesia finissecular oitocentista» (p. 11) e, por conseguinte, ter continuado «a ser visto como um poeta anterior à *modernidade*, um poeta do passado, tributário do século XIX e dos seus modelos, autor duma poesia que desconheceu o *versilibrismo* e as liberdades do verso *modernista*» (p. 12). Por conseguinte, aquilo que António Cândido Franco pretende é uma reabilitação da figura do poeta, de acordo com as qualidades que o crítico nele vê. Estas qualidades, como se pode depreender, são hipostasiadas ao ponto de se defender que as letras da poesia de Pascoaes estão «para o surrealismo em português como as de Lautréamont estão para o de língua gaulesa» (p. 15).

O ponto de vista defendido por António Cândido Franco não pode ser mais claro e é hiperbolicamente confirmado quando se declara que «nenhum outro precursor oferece em Portugal ao surrealismo o que Pascoaes lhe foi e é capaz de dar» (pp. 15-16). A partir deste momento, o leitor já sabe o que o

espera: uma rememoração apologética das qualidades do autor de *Regresso ao Paraíso*, que, enaltecendo uns aspetos da sua obra, pretende obnubilar por completo todas aquelas propriedades capazes de negar um carácter (proto) surrealista ao poeta. No fundo, aquilo a que se assiste é à continuidade da ação canónica de Cesariny (editor de aforismos e de uma antologia poética de Pascoaes) que, a seu tempo, fez tábua rasa da vertente eminentemente nacionalista e explicitamente saudosista da obra do escritor do Marão, optando pela sua exaltação encomiástica, enquanto figura misteriosa, esotérica e heterodoxa. Assim, António Cândido Franco dedica-se ao trabalho de recolha das referências a Pascoaes na obra dos surrealistas e das supostas influências do primeiro sobre os últimos, que seriam comprovadas inclusivamente por factos empíricos, relacionados com o contacto direto de um com os outros. Ora, é a partir deste ponto que a obra começa a vacilar, pois nem os argumentos apresentados são credíveis, nem a refutação dos que se opõem a esta importância de Pascoaes parece merecer algum crédito.

Com efeito, relativamente ao teor dos argumentos esgrimidos, a paixão declarada pela poesia de Pascoaes conduz António Cândido Franco a confundir a poesia deste último com toda a produção poética do século XX, como se esta poesia a representasse metonimicamente. Esta ideia despidorada surge, aliás, no (extensíssimo) subtítulo da obra que aponta para uma quimérica

«conclusão geral do poético no século XX português». É esta conclusão que se apresenta, estranhamente, em meia dúzia de linhas, na parte final da obra, quando o autor declara o seguinte: «Convenço-me que o que mais importa dizer sobre Teixeira de Pascoaes ou sobre a poesia portuguesa mais recente [sic] só começará a ser dito a partir do momento em que virmos o século XX poético (ou, melhor, o poético do século XX) desenhado do ponto de vista das relações do surrealismo em português com Teixeira de Pascoaes» (p. 72). Face à dimensão e ao conteúdo da obra, fica-se com a forte impressão que o esforço de legitimação da figura de Pascoaes não é o suficiente para tão hercúlea tarefa.

Relativamente à refutação das teses daqueles que se opõem à exaltação da figura do poeta do Marão como o grande precursor do surrealismo, a posição de António Cândido Franco não merece crédito a partir do momento em que evidencia um claro desconhecimento das mesmas e uma profunda incompreensão dos seus pressupostos. A título de exemplo, refira-se que a tese de Osvaldo Manuel Silvestre – que defende que Pascoaes só surge tardiamente no discurso de Cesariny como precursor do movimento surrealista por substituição de Fernando Pessoa, quando este, paulatinamente, vê a sua obra ser apropriada por todos e alvo de atenção da academia e da instituição literária, tornando-se uma figura institucionalizada – é incompreendida

ao ponto de António Cândido Franco se referir a uma inexplicável «tese do *parricídio ansioso*» (p. 83), quando, de facto, aquilo que se defende é um renascimento da figura paterna *sub species* Pascoaes, por orfandade tardia e forçada (daí, jocosamente, ser apelidado de *pai tardio*).

Assim sendo, o único interesse da obra *Teixeira de Pascoaes nas palavras do surrealismo em português* reside na apresentação de informações relevantes para a compreensão do funcionamento do campo literário, no que diz respeito à lógica de forças criadas na sequência de cumplicidades e amizades geradas no seio do desenvolvimento de projetos comuns relacionados com o movimento surrealista português. Contudo, apesar do interesse de que estas questões se poderão revestir para os estudiosos do movimento, afigura-se claro que a obra publicada fica muito longe de justificar as pretensões do seu título e as ambições do seu autor (ou vice-versa). Nessa medida, o único consolo que poderá sobrar ao leitor reside, por um lado, na beleza dos desenhos de Délio Vargas e de Cruzeiro Seixas e, por outro, em reveladores momentos de devaneio linguístico e lexical do seu autor. Estes permitem-nos sorrir sobranceiramente, dada a megalomania dos seus delírios pseudo-filosóficos, ilustrada paradigmaticamente na frase seguinte: «Percebe-se: sabe tão bem neste rincão pachoucho ser *moderno* e *européu*. Ninguém doutro modo se salva, muito menos no Portugal delam-

bido da cultura, cheio de tiquetaque e urticária ao espelho duma Europa graúda e grossa» (p. 13).

Carlos Machado

**LIVRO DO DESASOCEGO, Tomo I**

**e Tomo II, edição crítica**

**de Jerónimo Pizarro**

**FERNANDO PESSOA/BERNARDO**

**SOARES**

**Lisboa, Imprensa Nacional-Casa**

**da Moeda, 2010 (Série Maior, Vol. XII)**

**1095 páginas, ISBN: 978-972-27-1849-3**

Em *Dias Comuns V. Continuação do Sol* (2010) – o último diário vindo a lume de José Gomes Ferreira (relativo ao ano de 1968) –, o autor deleita-se a saborear a ortografia da primeira edição de *Clepsydra* e alonga-se em exercícios fantasiosos sobre as possíveis emoções do seu primeiro leitor: «Desfolhei-o com a lentidão de quem caminha num museu. Ou procura um rasto» (p. 26). Noutro passo da mesma entrada, escreve: «Hei-de pedir aos meus filhos e aos filhos dos meus filhos que não se desfaçam desta primeira edição de *Clepsydra* de 1920 que a ausência de numeração, os yy, os phs, as letras dobradas, os acentos circunflexos tornam os versos mais belos e estranhos» (*ibid.*).

Idêntica sensação de estranhamento (quicá, de prazer) terá, decerto, o leitor da edição crítica de *O Livro do Desasocego*, levada a cabo por Jerónimo Pizarro em 2010, e publicada em dois